



Julio Rosalvo
(Pseudônimo de Antonio
Duarte Leite da Silva)

Amaldiçoadas Lagrimas

1874

AMALDIÇOADAS LAGRIMAS

Romance Original de

Julio Rosalvo

I

Parte 1¹

A primeira vez que visitei o snr. Frederico Augusto, sua casa regorgitava de convidados, era a noite de um grande festim familiar. Tocava-se, cantava-se e bailava-se incessantemente, n'um salão primorosamente decorado, em companhia de uma sociedade escolhida, gente de côrte que falla bem o francêz, inventa sorrisos á proposito, dôces requebros, e gracejos espirituosos.

Eu até ali ignorava que neste mundo podesse existir um cavalheiro tão jovial, um character tão sereno e bondoso, como o do snr. Augusto. Á convite de um amigo, felismente, pude chegar ao convencimento dessas verdades. De ora em diante não faço tão pessimos juizos dessa *bola de bilhar*.

Tratava-se de festejar o filiz anniversario de Celina, filha de meu novo e sympathico amigo.

Celina era o que seu nome exprime: minina de quinze annos, de um moreno cor de roza amelia, cabellos castanhos e annelados, que cahião-lhe sobre as espaldas, como serepentes delgadas, olhos grandes e buliçosos, com duas sobrancêlhas artisticamente arqueadas, labios de coral, corpo de fada, “pés pequenos e lindas mãos” na elegante fraze do poeta das “Primaveras”.

É preciso que o leitor saiba quem sou eu tambem. Vou pôr-lhe no *bicco* de duas palhetadas. Eu sou filho do defunto meu pae, quando fiz os meus dezaseis annos, pensei-me homem, isto é, de carta branca para amar o sexo amavel, havia lido e relido os romances do dr. Macêdo, *O Moço Louro*, *Os Dois Amores*, *Vicentina*, *Moreninha* e &; algumas obras de Paulo Feval, Paulo de Kock e mais meia duzias de Paulos; conhecia, por assistir a execução, certas peças de theatro, como *A Mulher de Claudio*, por Alexandre Dumas, Filho, *Trez Lagrimas* de Franklin Tavora, *Os Dois Arrenegados* de Mendes Leal e mais outras que não conheço hoje!

Nesse tempo na posse de tamanhos conhecimentos julguei-me tão litterato, como Camillo Castello Branco ou Alexandre Herculano. E deixem que eu tinha razão! O meu papá,

¹ ROSALVO, Julio. Amaldiçoadas Lagrimas: Parte 1. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 2, n.35, p. 1,2, 03 de agosto de 1874.

que possuía uma meia duzia de duzias de contos de reis, em bôa especie, ouro de lei, moedas de dez e vinte mil *homens*, orgulhoso de um tal filho, mostrava-me, por vezes, cartas de seus amigos, o barão de Salla Real o conde dos Mosqueteiros. O visconde dos Paços Perdidos, em que felicitavão-lhe pelos assombrosos progressos que eu fazia nas aulas, quando estudante de preparatorios, ja se sabe.

Um dia meu papá chamou-me em seu gabinete, risonho e festivo, e disse dando-me á ler uma cartinha das *cujas*.

– Olha, Julinho, lê o que diz-me nesta carta o barão de Salla Real. Fazes bem em estudar, meu filho, um dia serás o meu legitimo successor, é preciso, pois, que te illustres, inriqueças o teu espirito, podes ser deputado ou senador, um grande da nação. Disse muitas cousas mais que ião fazendo-me enfiar, o que meu pae traduziu como modestia de minha parte. Veja primeiro o leitor em que havia eu gasto o tempo no dia em que o barão escreveu a meu pae, e depois de então transladarei para aqui a sua carta, *ipsis verbis, pontis et virgulis*.

Foi o unico latim que restou-me dos meus tempos escolasticos.

Vamos ao caso. Neste bello dia perdera, n’uma banca de jôgo, com o sobredito barão de Salla Real, a quantia de um conto e quatro centos mil reis, ou por outra, o barão roubarame essa importancia por meios indignos de tão nobre personagem!

Elles todos são assim...

Ao menos esse indenizou-me da perda, na carta referida; meu pae, depois de concluida a sua prelecção moral, foi prolixa, é verdade, mas lançou-me, nos bolsinhos do collête dez notas de quinhentos mil reis, dizendo-me o seguinte: “toma Julinho, para comprares os teus cigarros!” Bemaventurada carta, assignalado barão!

La vai agora o primor espitolar.

“Snr. Thomaz de Aguilar O snr. É um homem muito feliz, tem um filho que é sua e *minha gloria*

(Esse gripho é meu)

Nesses ultimos dias tenho conversado com o dr. Caldeira, seu mestre de francez e inglez, e este o botou nas nuvens, disendo-me que seu minino era um novo... esqueço-me do nome do homem... sim, era um novo *Mirabou*. Mirabou foi um ministro do tempo Luiz Felipe na França...”

Felicito-lhe, meu amigo, pela gloria que lhe deu Deus.

E neste gosto o barão foi longe. Era um grande gramatico e ainda maior historiador esse fidalgo!

Mas, deixemos lá isso que, diz o adagio “aguas passadas não moem engenhos.”

Foi cara a recomendação, mas enfim... alonguei-me bastante, não demais para dizer ao leitor quem sou eu, e talvez o não conseguisse!

Seja como for eu prefiro voltar à casa do sr. Frederico Augusto e o leitor há de ver que penso a seu contento.

Fallava de Celina, essa menina cantava ao piano, quando cheguei, ao lado de Jorge de Almeida era o moço que me dera a entrada na casa de Frederico Augusto, pai de nossa heroína. Contava dezenove anos esse rapaz, cabeça de poeta, quente como a lava do Vesúvio. Coração e alma de criança, arrebatado, cheio de mil aspirações; fora um perfeito cavalheiro, não faltasse-lhe o que eu possuía então: um pai endinheirado!

Jorge de Almeida era namorado de Celina, alimentava-se no platonismo desse amor, que era santo, na santidade dessa paixão que era pura.

Surpreendi esse segredo no olhar furtivo de ambos, logo ao entrar, e posto que Jorge era meu amigo sincero, não sei porque, naquele momento, senti um quer que seja que fez-me apertar-se o coração, não sei se algum sentimento, menos justo, de inveja e ódio!

Não me dê figas o leitor, no meu caso talvez sentisse o mesmo! Tanto mais quanto eu, sem o saber, já amava aquela mulher.

Celina findou o canto, que era o terceiro da ópera do *Trovador*, Jorge aproximou-se della, cumprimentou-a, felicitando-a.

– A senr. É uma grande cantora, sua voz attrahe.

– Foi por isso que demorou-se tanto sr. Dr.?

Esquecera-me de dizer, Jorge era terceiro anista da faculdade de direito do Recife.

– O meu convite foi para as nove horas, disse Jorge.

Celina olhou para o relógio grande do salão.

Era uma pendulla, marcava justamente nove horas.

Muito obrigado, disse a moça com certa satisfação. Jorge fora pontual. Os importunos haviam *madrugado!*

Continuar-se-ha.

Parte 2²

A poesia sabe por tal forma inspirar-nos emoções tão maravilhosas, sentimentos tão profundos, que, para fallar verdade, devo confessar: fui arrebatado insensivelmente pela vóz do meu amigo Jorge; por muitas vezes dominou-me o entusiasmo, a ponto, que me fez arrancar da alma repetidos applausos com que saudei aquele genio, que tão bonitas sympathias conquistava ali, maxime quando o poeta pronunciava voltado para Celina, de maneira expressiva e vibrante a seguinte estrophe: –

Toca, meu anjo, teu piano encanta, derrama em jorros pelas nossas almas, puras endechas que prazer os deram, cantoss que geram multidão de palmas.

Por essa occasião senti que meu coração estava sinceramente possuido de sensações Extraordinarias, e que minha cabeça perdia-se na confusão de mil pensamentos que passavão-me e repassavão-me o cerebro, como si um mundo novo si collocasse diante de mim, um un. mundo desconhecido, em que cada objecto fosse uma maravilha; e então terrivelmente perturbado e confuso, vi que uma lagrima silenciosa como o meu extasi, cahia-me pela face, mas uma lagrima quente como o ferro em braza, que ao tempo que dizia o meu prazer, era o prenuncio de uma grande desgraça, de uma infelicidade incomprehensivel!

Apressei-me em esconder aquella prova do meu desapontamento aos olhos dos curiosos, guardei bem no fundo do peito tudo o que sentia e, logo que Jorge findou o seu canto, dirigi-me para felicital-o com toda a jovialidade de um coração magnanimo.

Por essa occasião não pude deixar de lançar olhares cubiçosos para Celina, que presumpçõsa com os triumphos do amante, nem siquer lembrou-se que ali, tão perto de si, estava um homem que não Jorge, que talvez já soffresse por sua causa, que amasse-a como si ha longo tempo a conhecesse, capaz de por ella commeter desvarios, praticar loucuras!

Nem Jorge ao menos penetrou nesse segredo.

D'ahi em diate, o meu amor para com aquella mulher desenvolveu-se, cresceu, de forma que á muitos dos meus amigos elle si não era conhecido, em verdade que não era estranho.

Não porque eu o declarasse a ninguem, mas por essas commoções inesperadas que de momento assaltavam-me e transformavam-me o modo de vida.

² ROSALVO, Julio. Amaldiçoadas Lagrimas: Parte 2. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 2, n.38, p. 1, 24 de agosto de 1874.

De alegre que era, tornei-me taciturno, perdi as noites na vigilia, vigilia tormentosa, matadora, consumindo de então para cá a existencia entre a luz de uma vella, a escrever tolices, palavras sem significação, nomes confusos e mysteriosos.

É terrivel o amor que nos accomette de surpresa, que nos toma de assalto!

O objecto amado tem a importancia de se fazer mais valioso ainda, motivo porque os poetas, gente facil em apaixonar-se, quasi sempre estão a fazer de suas amantes, de mulheres que são, anjos, fadas, deusas, emfim, quando aliás ellas não passam de demoniosinhos que souberam tentar aquellas almas devotas, mas para quem não tem valor as resas da cartilha e as orações do cathecismo!

Pois foi isto o que se deu comigo; por uma fatalidade encontrei-me face a face com Celina, não sei si por fatalidade tambem, a sua formosura captivou o meu amor; mas d'ahi para cá, foi extraordinario o effeito que me fez sentir a presença daquella mulher, sua lembrança que pousou sobre o meu coração como o orvalho sobre a flor, como passaro sobre o ninho.

Celina tinha conquistado toda a minha sympathia.

Continuar-se-há.

Parte 4³

Eu a amei-a então, votei-lhe um desses cultos de idolatra, que era, fiz-lhe versos tambem, muitas noites devaneei ao som de meu violão, pronunciando devagarinho seu nome, talvez receioso de que profanos o escutassem e a briza e a lua me viessem roubar dos labios.

Não preciso dizer ao leitor que fim teve a reunião em caza do Snr. Frederico augusto, onde só eu não pude participar daquella felicidade perfeita que parecia magneticamente haver se comunicado por todas as almas presentes.

Como tinha promettido Celina, dansou commigo, foi então que pude sentir o roçar daquelle corpinho de ano, quando ao passar-lhe os braços pela cinturinha mimosa, volteamos como duas creanças em roda do salão, no desempenho de uma polka, no doido e pathetico devanear de uma walsa.

Que arrebatadora não era aquella mulher, deixando que sobre seu hombro cahisse de leve a sua cabeça inclinada, tendo no olhar a brandura e suavidade das auras, deixando ver-se

³ ROSALVO, Julio. Amaldiçoadas Lagrimas: Parte 1. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 2, n.41, p. 1, 14 de setembro de 1874.

por entre o corpinho de filó branco de seda, dois pomos alvos como o lyrio que tremião ondulantes ao aneio de sua alma, fugindo por ventura ao contacto de meu coração!

Celina acredita, que perdi tudo, quando te desprendesse de meus braços para cahires sobre o encosto de uma cadeira, afadigada; acredita que fogiram-me os sentidos, e nem sei mesmo q'poder estranho me conservou de pé!

Odiei a Jorge de Almeida, parecia-me ver nelle um rival esperançoso, não pude mais empanar os meus sentimentos; aquelle homem, a sua presença era uma ameaça á minha futura feicidade, elle que era amado de Celina e que tambem o amava, punha-se de frente contra os meus reaes interesses, era uma montanha que levantava-se diante de mim, pobre nauta, e que tentava espedaçar-me a embarcação.

O meu naufragio afigurou-se-me logo, de momento ouvi gemidos pungentes, pensei escutar o grito doloroso de minha may chorando a perda de seu filho; que pezadello horrivel, eu dormia acordado, quazi me irrompe dos labios seccos e comprimidos pela febre do delirio, uma exclamação de assombro, quazi falleço de medo!

Dipois não sei o que se deu mais. No dia immediato despertei delirante em caza de Frederico Augusto, Jorge estava do meu lado, sentado n'uma cadeira, juncto a cabeceira de minha cama! Tinha febre ainda!

Foi extraordinario o meu espanto, vendo-me ali naquelle logar. Jorge olhava-me com um desses olhares de piedade. Tinha talvez compaixão de mim!

Eu fora a nuvem que veio escurecer a ventura do dia anterior, perturbar o anniversario da virgem.

Continuar-se ha.